

suprema traição aos compromissos mais sagrados de sua vida.

Antes, porém, de executar seus planos tenebrosos, junto á figueira sinistra, ouvia a voz amargurada do seu tremendo remorso.

Relampagos terríveis rasgavam o firmamento; trovões cavernosos pareciam lançar sobre a terra criminosa a maldição do céu vilipendiado e esquecido.

Mas, sobre todas as vozes confusas da natureza, o discípulo infeliz escutava a voz do Mestre, consoladora e inesquecível, penetrando-lhe os refolhos mais íntimos da alma:

— "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguem pode ir ao Pai, senão por mim!..."

XXV

A ULTIMA CEIA

Reunidos os discípulos em companhia de Jesus, no primeiro dia das festas da Pascoa, como de outras vezes, o Mestre partiu o pão com a costumeira ternura. Seu olhar, contudo, embora sem trair a serenidade de todos os momentos, apresentava misterioso fulgor, como se sua alma, naquele instante, vibrasse ainda mais com os altos planos do invisível.

Os companheiros comentavam com simplicidade e alegria os sentimentos do povo, enquanto o Mestre meditava, silencioso.

Em dado instante, tendo-se feito longa pausa entre os amigos palradores, o Messias acentuou com firmeza impressionante:

— Amados, é chegada a hora em que se cumprirá a profecia da Escritura. Humilhado e ferido, terei de ensinar em Jerusalém a necessidade do sacrifício próprio, para que triunfe definitivamente a verdade. O mundo ha conhecido apenas uma espécie de vitória, tão passageira quanto as edificações do egoísmo ou do orgulho humano. Os homens têm aplaudido, em todos os tempos, as tribunas douradas, as marchas retumbantes dos exercitos que se glorificaram com despojos sanguentos, os grandes ambiciosos que dominaram a

força o espirito inquieto das multidões; entretanto, eu vim de meu Pai afim de ensinar como triunfam os que tombam no mundo, cumprindo um sagrado dever de amor, como mensageiros de um mundo melhor, onde reinam o bem e a verdade. Minha vitoria é a dos que sabem ser derrotados entre os homens, para triunfarem com Deus, na divina construção de suas obras, imolando-se, com alegria, para gloria de uma vida maior.

Ante a resolução expressa naquelas palavras firmes, os companheiros se entreolharam, ansiosos.

O Messias continuou:

— Não vos perturbeis com as minhas afirmativas, porque, em verdade, um de vós outros me ha de trair!... As mãos, que eu acariciei, voltam-se agora contra mim. Todavia, minh'alma está pronta para a execução dos designios de meu Pai.

A pequena assembléia fez-se livida. Com exceção de Judas, que entabolara negociações particulares com os doutores do Templo, faltando apenas o ato do beijo, afim de consumar-se a sua defecção, ninguem poderia contar com as palavras amargas do Messias. Penosa sensação de mal-estar se estabeleceu entre todos. O filho de Iscariote fazia o possível por dissimular as suas angustiosas impressões, quando os companheiros se dirigiam ao Cristo com perguntas angustiadas.

— Quem será o traidor? — disse Felipe, com estranho fulgor nos olhos.

— Serei eu? — exclamou André, ingenuamente.

— Mas, afinal — objetou Tiago, filho de Alfeu, em voz alta — onde está Deus que não conjura semelhante perigo?

Jesus, que se mantivera em silencio ante as primeiras interrogações, ergueu o olhar para o filho de Cleofas e advertiu:

— Tiago, faze calar a voz de tua pouca confiança na sabedoria que nos rege os destinos. Uma

das maiores virtudes do discípulo do Evangelho é a de estar sempre pronto ao chamado da Província Divina. Não importa onde e como seja o testemunho de nossa fé. O essencial é revelarmos a nossa união com Deus, em todas as circunstâncias. E' indispensável não esquecer a nossa condição de servos de Deus, para bem lhe atendermos ao chamado, nas horas de tranquilidade ou de sofrimento.

A esse tempo, havendo-se o Messias calado de novo, João interveiu, perguntando:

— Senhor, comprehendo a vossa exortação e rogo ao Pai a necessaria fortaleza de animo; mas, por que motivo será justamente um dos vossos discípulos o traidor de vossa causa? Já nos ensinastes que, para se eliminarem do mundo os escândalos, outros escândalos se tornam necessários; contudo, ainda não pude atinar com a razão de um possível traidor, em nosso proprio collegio de edificação e de amizade.

Jesus, pousou no interlocutor os olhos serenos e acentuou:

— Em verdade, cumpre-me afirmar que não me será possível dizer-vos tudo agora; entretanto, mais tarde, enviarei o Consolador, que vos esclarecerá em meu nome, como agora vos falo em nome de meu Pai.

E, detendo-se um pouco a refletir, continuou para o discípulo em particular:

— Ouve, João. Os designios de Deus, se são insondáveis, tambem são invariavelmente justos e sabios. O escândalo desabrochará em nosso proprio círculo bem amado, mas servirá de lição a todos aqueles que vierem depois de nossos passos, no divino serviço do Evangelho. Eles compreenderão que para atingirem a porta estreita da renúncia redentora hão de encontrar, muitas vezes, o abandono, a ingratidão e o desentendimento dos seres mais queridos. Isso revelará a necessidade de cada

qual firmar-se no seu caminho para Deus, por mais espinhoso e sombrio que ele seja.

O apostolo impressionara-se vivamente com as derradeiras palavras do Mestre e passou a meditar sobre seus ensinos.

As sensações de estranheza perduravam em toda a assembléia. Jesus então levantou-se e, oferecendo a cada companheiro um pedaço de pão, exclamou:

— Tomai e comei! Este é o meu corpo.

Em seguida, servindo a todos de uma pequena bilha de vinho, acrescentou:

— Bebei! porque este é o meu sangue, dentro do Novo Testamento, a confirmar as verdades de Deus.

Os discípulos lhe acolheram a suave recomendação, naturalmente surpreendidos, Simão Pedro, sem dissimular a sua incompreensão do símbolo, interrogou:

— Mestre, que vem a ser isso?

— Amados — disse Jesus, com emoção — está muito próximo o nosso último instante de trabalho em conjunto e quero reiterar-vos as minhas recomendações de amor, feitas desde o primeiro dia do apostolado. Este pão significa o do banquete do Evangelho, este vinho é o sinal do espírito renovador dos meus ensinamentos. Constituirão o símbolo de nossa comunhão perene, no sagrado idealismo do amor, com que operaremos no mundo até o último dia. Todos os que partilharem conosco, através do tempo, desse pão eterno e desse vinho sagrado da alma, terão o espírito fecundado pela luz gloriosa do Reino de Deus que representa o objetivo santo dos nossos destinos.

Ponderando a intensidade do esforço a ser

empregado e aludindo às multidões espirituais que se conservam sob a sua amorosa direção, fora dos círculos da carne, nas esferas mais próximas da Terra, o Cristo acrescentou:

— Imenso é o trabalho da redenção, mesmo porque tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; mas, o Reino nos espera com a sua eternidade luminosa!...

Altamente tocados pelas suas exortações solenes, porém, maravilhados ainda mais com as promessas daquele reinado venturoso e sem fim, que ainda não podiam compreender claramente, a maioria dos discípulos começou a discutir as aspirações e conquistas do futuro.

Enquanto Jesus se entreteinha com João, em observações afetuosas, os filhos de Alfeu examinavam com Tiago as possíveis realizações dos tempos vindoiros, antecipando opiniões sobre qual dos companheiros poderia ser o maior de todos, quando chegasse o Reino com as suas inauditas grandiosidades. Felipe afirmava a Simão Pedro que depois do triunfo deveriam entrar em Nazaré para revelar aos doutores e aos ricos da cidade a sua superioridade espiritual. Levi dirigia-se a Tomé e lhe fazia sentir que, verificada a vitória, se lhes constituía uma obrigação a marcha para o Templo ilustre, onde exigiriam seus poderes supremos. Tadeu esclarecia que o seu intento era dominar os mais fortes e impenitentes do mundo, para que aceitassem, de qualquer modo, a lição de Jesus.

O Mestre interrompera a sua palestra íntima com João e os observava. As discussões iam acirradas. As palavras "maior de todos" soavam insistente aos seus ouvidos. Parecia que os componentes do sagrado colegio estavam na véspera da divisão de uma conquista material e, como os triunfadores do mundo, cada qual desejava a maior parte da presa. Com exceção de Judas, que se fechava num silêncio sombrio, quasi todos discutiam com veemência. Sentindo-lhes a incompreensão, o

Mestre pareceu contempla-los com entristecida piedade.

*

Nesse instante, os apostolos observaram que ele se erguia. Com espanto de todos, despiu a tunica singela e cingiu-se com uma toalha em torno dos rins, á moda dos escravos mais infimos, a serviço dos seus senhores. E, como se fossem dispensaveis as palavras naquela hora decisiva de exemplificação, tomou de um vaso de agua perfumada e, ajoelhando-se, começou a lavar os pés dos discípulos. Ante o protesto geral em face daquele ato de suprema humildade, Jesus repetiu o seu imorredoiro ensinamento:

— Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Se eu, Senhor e Mestre, vos lavo os pés, deveis igualmente lavar os pés uns aos outros no caminho da vida, porque no Reino do Bem e da Verdade o maior será sempre aquele que se fez sinceramente o menor de todos.

—

XXVI

A NEGAÇÃO DE PEDRO

O ato do Messias, lavando os pés de seus discípulos, encontrou certa incompreensão da parte de Simão Pedro. O velho pescador não concordava com semelhante ato de extrema submissão. E, chegada a sua vez, obtemperou, resoluto:

— Nunca me lavareis os pés, Mestre; meus companheiros estão sendo ingratos e duros neste instante, deixando-vos praticar esse gesto, como se fosseis um escravo vulgar.

Em seguida a essas palavras, lançou á assembleia um olhar de reprovação e desprezo, enquanto Jesus lhe respondia:

— Simão, não queiras ser melhor que os teus irmãos de apostolado, em nenhuma circunstância da vida. Em verdade, assevero-te que, sem o meu auxilio, não participarás com o meu espirito das alegrias supremas da redenção.

O antigo pescador de Cafarnaum aquietou-se um pouco, fazendo calar a voz de sua generosidade quasi infantil.

Terminada a lição e retomando o seu lugar á mesa, o Mestre parecia meditar gravemente. Logo após, todavia, dando a entender que sua visão